

AINDA A PROPÓSITO DAS ELEIÇÕES NA FACED OU QUANDO AS IDÉIAS SÃO O FUNDAMENTO DELAS PRÓPRIAS

Ozir Tesser

O texto do Professor Joaquim Fernando Pimentel Fernandes(1) que tece considerações sobre três dos seis pontos levantados por mim em artigo anteriormente publicado no boletim informativo da FACED(2), se inscreve no esforço louvável de transformar as diferenças existentes na academia em debate aberto. Penso e reafirmo que na universidade a diversidade de opiniões, teorias e práticas, devem conquistar um espaço de discussão e de cotejamento.

Ao ler o artigo do estimado colega a primeira questão que me surge é sobre qual sua contribuição ao debate.

Em resumo, parece-me que Fernando expressa, entre outros, os seguintes pontos de vista: afirma a riqueza da existência da pluralidade e diversidade de idéias e teorias na academia; exprime o desejo de "um conhecimento maior do pensamento diversificado existente" na Faculdade, e de que se instaure "a coragem de um debate contínuo, franco, despretensioso e sem intenções de "converter" quem quer que seja a tal ou tal linha de pensamento"; aprecia o processo de eleições paritárias ocorridas na Faculdade posicionando-se a favor das eleições não paritárias que dão maior peso ao corpo docente, isto, segundo ele, por força da inevitável conjuntura corporativista pela qual estaria passando a sociedade brasileira; insurge-se contra a consideração de que o resultado das eleições na FACED tenha sido descrito como uma vitória liberal conservadora, a exemplo do que ocorre no país em sua

transição democrática, apesar do que, avalia que os setores "politicamente avançados" e que "são, geralmente, pioneiros de decisões socialmente significativas, das quais a comunidade se beneficia, por serem mais ousados, o que é digno de referência positiva e às vezes até de inveja" não estão suficientemente organizados e definidos, e portanto, preparados para administrar; levanta algumas questões que gostaria de ver debatidas na Faculdade, e, entre outras se indaga porque o Curso de Mestrado não apresentou duas chapas e porque alguns doutores se encontram fora do Mestrado; reclama "maior abertura ao ingresso de outros profissionais" (?) no Curso de Mestrado; questiona, sem nada precisar, os critérios de seleção para ingresso no Curso; por fim, faz algumas alusões imprecisas e vagas sobre totalitarismo e partido único que não se vê bem a que título se enxertam no texto senão gratuitamente, ou, talvez, como elo de união com afirmações similares de outros setores da Faculdade que se pautam pelo mesmo tipo de raciocínio(3).

E qual é este raciocínio? O articulista, salvo melhor juízo, parece estabelecer uma relação idealista entre as idéias e a realidade. O pensamento ao invés de ter como referência os fatos, o real, se transforma em demiurgo da realidade e sua validade se assenta apenas na lógica das idéias, bem ou mal expressas, e não em seu confronto com o real. Explico-me. A verdade passa a ser uma relação entre idéias e não entre as idéias e os fatos. Esta concepção poderá ser tão mais aliciante e perniciosa quanto mais o escriba dominar a arte de escrever. Entretanto, é tarefa da academia não apenas desvendando a essência que habita na aparência - o que é a luta maior da ciência -, mas também buscar para além do discurso sua comprovação com os fatos.

Assim, Fernando faz uma série de considerações e julgamentos sem muito se preocupar, como o demonstrarei, se eles têm assento na realidade do que ocorre ou do que foi dito. O erro, salvo melhor juízo, não me parece ser de concepção. Supõe-se

que, caso indagado, seguramente concordaria com este princípio da gnosiologia.

O problema é de prática idealista.

Senão vejamos: o articulista recrimina, no texto que comenta, a crítica ao ecletismo e parece confundir ecletismo com a existência de pluralidade de idéias e de práticas. Diz que, em meu artigo, transparece a posição de que a pluralidade de idéias numa Instituição de Ensino levaria necessariamente "a uma atitude eclética ou conducente a um ponto de vista unificado" (?). Não sei onde e em que ele se baseia para uma tal afirmação, senão na hipótese de que defendendo o ecletismo, ele o faz, assimilando erroneamente o ecletismo à convivência em uma mesma instituição de pontos de vista diferentes. Em meu artigo posicionei-me contra o ecletismo e explicito o que ele significa. Em relação ao pluralismo sempre tenho defendido que a existência sadia de idéias divergentes e de concepções diversas devem poder encontrar na academia o seu lugar de debate e de confronto. Esta posição, tenho explicitado em várias ocasiões e é a concepção que preside a organização curricular do mestrado. Faço referência aqui a alguns textos meus já publicados: "É indispensável resguardar a autonomia do professor, mas esta autonomia deve ser temperada pelo debate e confronto dos saberes transmitidos, dentro de um clima de respeito à diversidade e à pluralidade de concepções(4)". "Não é possível garantir a qualidade de ensino sem buscar mecanismos de debate e de confronto entre professores, alunos e profissionais, num clima de respeito à pluralidade de concepções"(5). Ao reformular o currículo de mestrado há 4 anos a Coordenação assim justificava a sua nova estrutura: "Em sendo mais flexível, o novo currículo busca favorecer o confronto entre diferentes percepções do fenômeno educativo, proporcionando ao aluno uma maior visão crítica das propostas educacionais. A nova estrutura curricular não visa porém, traduzir uma atitude eclética ou de indiferença face às diferentes propostas, mas sim,

garantir o espaço para que essas propostas se exprimam e se submetam à crítica"(6).

O que nos parece lamentável é que se afirme o direito à diversidade de opiniões como manto ao vale tudo, à ausência da crítica, ao ecletismo. "Professores competentes de agudo senso crítico e alunos estudiosos não poderão conviver com cursos pouco exigentes no trabalho intelectual, onde o laxismo e a indiferença se mesclam ao ecletismo sem rigor que acoberta posições teóricas inconsistentes e que frequentemente se apresenta sob o falso manto do pluralismo"(5). Em que momento em nosso artigo afirmei, como me atribue o autor, que a pluralidade de idéias na instituição significaria "necessariamente uma atitude eclética ou conducente a um ponto de vista unificado"? Vale ressaltar que o insurgimento do autor contra a descrição do ecletismo como "um mosaico montado a partir de inúmeros pensadores" - feita, não por mim, como incorretamente deixa entrever, mas por outro autor por mim citado - descontextualiza o inciso da descrição dos traços característicos descritos naquele artigo e que convém recolocar. Eis portanto alguns traços característicos do ecletismo: "1. a desconfiança com os "sistemas", que seriam camisas-de-força do espírito; 2. a crença de que a "verdade" poderia ser o resultado de um mosaico montado a partir de inúmeros pensadores, o que, além de livrarnos dos perigos dos sistemas, nos permitiria um enriquecimento indefinido, aproveitando-se de cada sistema "o melhor" (...) 3. finalmente a crença tipicamente narcisista e imatura de que, assim agindo, estaríamos dando mostras de "espírito aberto", "esclarecido", não dogmático (...) "(7).

Fernando desconhece no seu artigo que os traços do pensamento eclético realçados pelo autor por mim citado, tem exatamente como ponto de referência, não o uso do acervo histórico acumulado pela humanidade através de gerações e através de diferentes autores e diferentes opiniões, mas seu uso indiscriminado, eclético, assistemático que faz

"perder sua linha de raciocínio e sua visão de mundo" - para usar uma expressão do próprio Fernando. Ao justificar o ecletismo confundindo-o com o pluralismo, Fernando defende uma causa incorreta, no meu modo de ver, mas isto é um direito seu. O que não lhe cabe como direito é atribuir a mim noções que me são alheias.

Entretanto aproveito o ensejo para explicitar um pouco mais a crítica ao ecletismo tão frequentemente adotado em nossos cursos. A posição eclética parte do princípio de que nenhuma corrente filosófica esgota a verdade e que todos os sistemas de pensamento contêm elementos de verdade e elementos de erro. O bom procedimento consistiria portanto em colher nas várias correntes de pensamento o que é bom e, verdadeiro e deixar de lado os elementos errôneos. Ter-se-ia então uma verdade global composta dos acertos dos vários sistemas.

Valho-me de Roland Corbisier(8) para fazer uma crítica a esta posição que se situa entre o dogmatismo e o ceticismo. Diz o autor que das três posições, "a posição eclética é a mais ingênua, ou a menos crítica, pois, ao propor-se essa reconstituição do todo, mediante a seleção e a composição de parcelas que, por hipótese, o constituem, não toma consciência de que a escolha dos elementos verdadeiros supõe um critério que permita discerní-los, reconhecê-los, como verdadeiros, separá-los dos outros, errôneos, e que esse critério só pode ser o da própria verdade, previamente conhecida, não nos seus fragmentos, distribuídos e esparsos nas doutrinas e nos sistemas errôneos, ou verdadeiros e errôneos, mas na sua totalidade, pois só esse conhecimento prévio, da verdade total, permitiria, por assim dizer, sobrevoar os sistemas, e as doutrinas, detectando seus elementos verdadeiros para incluí-los no sistema, ou na sua totalidade verdadeira.

O ecletismo, portanto não passa de uma forma de dogmatismo, embora possa parecer uma forma de liberalismo, progressista, compreensivo e toleran-

te. Na realidade não chega a um resultado, o da reconstituição da verdade, espécie de mosaico, cujo desenho fosse a priori ignorado. Parte, inconscientemente, do desenho que, por isso mesmo, é anterior ao conhecimento das partes ou dos elementos, reconhecendo e considerando verdadeiros apenas aqueles, dos outros sistemas e doutrinas, que, identificados pelo desenho, nele se podem encaixar. Além de ingênua e primária, a posição eclética, na medida em que é dogmática, incide no mesmo erro dessa posição, ignorando que a procura e o desenvolvimento da verdade constituem um processo temporal, e que as doutrinas e os sistemas não são parcialmente verdadeiros e parcialmente falsos, mas representam e exprimem, por assim dizer, o limite possível, a fronteira da consciência humana em determinada época ou fase da história". Esta longa citação fazia-se necessária para de forma concisa e contundente deixar claro porque o ecletismo embora constituindo um recurso frequente na academia, é frágil e apresenta os vícios acima enumerados.

Mas, vamos a um segundo ponto onde esse tipo de raciocínio idealista é ainda mais patente. Ao comentar a primeira lição das eleições da FACED, apresentada por mim, como sendo o saldo positivo da consulta paritária empregada(9), o nosso articulista distorce o raciocínio e dá mostras de que, ou não leu com atenção o texto que pretende comentar, ou não entendeu o processo eleitoral ocorrido na FACED, ou ambas as coisas, evidência de que toma suas elocubrações como suficiente prova da realidade dos fatos, ou do pouco zelo em entender os dizeres dos outros.

Diz que "o artigo de avaliação aludido coloca, na primeira lição a ser inferida desse evento, o seu caráter corporativista" (sic!...). Contrariamente a isto, digo em meu artigo que "o primeiro saldo positivo nos parece ser o de ter comprovado que a forma paritária das eleições na Universidade é correta". Com efeito, tendo sido paritário o processo ocorrido na Faculdade teria sido infundada

qualquer crítica ao processo que nós mesmos reivindicamos. O artigo do colega, partindo de uma percepção errônea do que ocorreu na Faculdade e de uma má leitura do texto que pretende criticar adentra-se numa série de considerações que na realidade nada mais fazem senão justificar sua posição contrária às eleições paritárias. Esquece que sua posição foi minoritária e que, felizmente, a Faculdade soube "fugir" a "essas tendências corporativistas" que o Fernando aprecia como inevitáveis no atual "estágio em que nos encontramos". Contrariamente ao que diz o articulista, meu texto não só não recrimina o processo eleitoral havido na Faculdade como também procura reforçar, com argumentos, o acerto da posição tomada pela Faculdade, extrapolando a lição ao nível da Universidade, onde, assim, o corporativismo dos professores predomina. Sua posição é clara ao afirmar que "o peso maior pretendido para o corpo docente tem sua razão de ser no fato de ser ele o único grupo estável, a longo prazo, sobre quem recaem as consequências dos resultados, bons ou maus (...)". Sua argumentação é questionável sob vários aspectos e principalmente no que se refere à repercussão dos "resultados bons e maus" sobre o corpo docente mais do que sobre os estudantes e funcionários que adviria da escolha de um ou outro candidato.

Em resumo, Fernando atribuiu a mim análises que não estão no meu texto e que são suas, não minhas.

Podemos ainda observar o pouco cuidado em analisar a realidade quando Fernando menciona a necessidade de abrir amplo debate na Faculdade sobre os critérios de seleção ao mestrado ou questiona outros pontos relativos ao mestrado. De fato, tomando posição através de indagações, não se dá ao trabalho de examinar em que elas se fundamentam. É preciso se dar conta de que o prazer de indagar esconde uma posição e que, frequentemente, o questionamento é a forma ladina de afirmar sem se comprometer com o discurso implícito na pergunta. Toda in-

dagação pelo horizonte teórico que a circunda permite situar o inquirente num campo teórico-metodológico. Se por um lado, colocar bem o problema é obter a probabilidade de resolvê-lo, colocá-lo inapropriadamente conduz ao vazio da resposta ou ao desperdício do esforço. Se o articulista fosse atento aos fatos e buscasse escudar suas percepções em referências ou citações objetivas, mais do que em subjetivismos ou ressentimentos de pessoas que não ousam fundamentar suas críticas, poderia contribuir mais com as mudanças para as quais vagamente pretende colaborar. Assim, será seu entendimento que os professores que coordenam ou que mais tem contribuído com o Mestrado nos últimos anos, (Ozir, Jacques, Antonio Carlos, Lúcia, Susana, Maria, Aécio, Manfredo, Sofia...) "não pensam de modo diferente"? Ou que a diversidade de pensamento entre eles deixaria de ser uma riqueza para o Mestrado?

Indagou-se o meu interlocutor das razões pelas quais alguns professores têm se afastado do Mestrado? Terá isto se dado pelo fato de termos suprimido a obrigatoriedade das disciplinas? Tem faltado convite insistente para que esses professores compareçam a reuniões a fim de exporem seus pontos de vista ao Colegiado ou nos seminários promovidos pelo programa? Onde estão os argumentos, os fatos objetivos, as citações que esteiem as alusões subjetivas e, por vezes, gratuitas? Onde, quando e com que argumentos o Mestrado tem-se fechado "ao ingresso de outros profissionais" ou também se tem recusado a que os "critérios de seleção para esse Curso" sejam amplamente debatidos pela Faculdade? Os Departamentos, o Conselho Departamental, têm sido informados regularmente acerca destes processos, sem que tenham havido sugestões, protestos ou reclamações fundadas neste sentido. Em todo caso fica aqui reiterada a disponibilidade em aceitar colaborações que permitam encaminhar essas questões.

Quanto à crítica, a meu ver injusta, pela qual atribui "a docentes" atitudes avançadas numa insti-

tuição e funcionalistas em outras, o articulista toma aí uma atitude leviana e emite um juízo preconcebido, não apontando os deslizes que afirma sobre a coerência teórico-prática de quem perante o qual pretende ser juiz.

Para finalizar, e para não estender por demais estes comentários, assinalo os últimos parágrafos do articulista, onde acumula uma série de alusões vagas a realidades que não toma o cuidado de examinar com atenção e insinua posições totalitárias e de partido único sobre os quais não se vê bem a que, e a quem quer se referir. Onde e como teria eu expresso, ou deixado entrever uma visão de dono da verdade, ou de que admitiria "unicamente um ponto de vista como válido"? O meu desafio a este tipo de alusão consiste em solicitar provas, fatos, citações... e não meras afirmações gratuitas.

Enfim, em que pese o louvável esforço de pôr por escrito tantas observações, o artigo de nosso colega não deixa de preocupar por seu subjetivismo, que por vezes, se não afeta a honestidade do propósito, ao menos deixa entrever pouco rigor na análise.

Que o debate se instaure na Faculdade, com liberdade, respeito e sem censura. Que os arranhões das discussões ou as chamuscadas das palavras inflamadas não espantem os acadêmicos! Os embates na universidade, onde sem pejo poderão aparecer "vencedores" e "vencidos" não são senão um pálido reflexo dos embates da vida social, onde, aí sim, as lutas são mais decisivas e por vezes cruéis. As oposições e diferenças na academia não podem ficar amedrontadas ou escondidas pelo melodrama sentimental de quem confunde posições derrotadas ou vencedoras com inimizade afetiva, que mais tem a ver com a mediocridade acadêmica do que com o debate franco e aberto de concepções e de práticas divergentes.

- ¹ FERNANDES, J. F. Pimentel. A Propósito das Eleições na FACED. *Educação Notícias*. Fortaleza, UFC, n.º 10, jul-ago., 1988.
- ² TESSER, Ozir. Eleições na Faculdade: Uma Avaliação do Processo Eleitoral. *Educação Notícias*. Fortaleza, UFC, n.º 9, jan./88.
- ³ Faço aqui referência à mesma alusão feita pelo Departamento de Fundamentos em seu artigo sobre "O Problema da Teoria e Prática na Educação." *Educação em Debate*. Fortaleza, UFC, n.º 11, 1.º semestre de 1986, p. 118.
- ⁴ TESSER, Ozir. *Jornal Universitário*. Fortaleza, UFC, edição especial, novembro, 1986.
- ⁵ TESSER, Ozir. *Sobre a Qualidade do Ensino na Universidade*. *Jornal Universitário*. Fortaleza, UFC, n.º 37, jan./jun. 1988.
- ⁶ Justificativa da nova estrutura curricular do Mestrado em Educação de 30.04.84, enviada ao CEPE da UFC e publicada em texto mimeografado.
- ⁷ GOMES, R. O Mito da Imparcialidade: O Ecletismo. Crítica à Razão Tupiniquim. 4.ª ed., São Paulo, Cortez Ed., 1980 p. 36.
- ⁸ CORBISIER, Roland. *Introdução à Filosofia*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Civiliz. Brasileira, 1986, t. I, p. 165, 166.
- ⁹ É bom recordar que enquanto o Conselho Universitário da UFC definira as eleições para as Direções de Faculdades e Centros com peso proporcional desigual entre os 3 segmentos da comunidade (20% para os funcionários, 20% para os alunos e 60% para os professores), a Faculdade de Educação decidiu adotar uma proporcionalidade paritária. O meu artigo visa mostrar esta conquista como um saldo positivo no contexto atrasado da Universidade.